

Plataformização da literatura: as novas mediações culturais como forma de resistência na recepção e enfrentamento à censura¹

Gabriel Bhering²

Iluska Coutinho³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora

RESUMO

O livro passou por um processo de digitalização nos últimos anos, mas, além disso, é preciso reconhecer o fenômeno que pode ser chamado de “plataformização da literatura”. Afinal, toda a literatura é reconfigurada com as plataformas de mídias sociais que colocam as narrativas dos livros em constante deslizamento. As transformações na imprensa sempre provocaram modificações na recepção: com as colunas, blogs e, agora, com as plataformas que reconfiguram não apenas a crítica, mas todo o fazer literário. Neste artigo, o objetivo é realizar uma Análise da Materialidade Audiovisual com apoio do Mapa das Mediações Algorítmicas para investigar a resistência realizada no TikTok por leitores do livro “O Avesso da pele”, de Tenório. O estudo reconhece as mediações dos booktokers como potente no processo de recepção.

PALAVRAS-CHAVE: plataformas; literatura; narrativas; resistência; mediações

INTRODUÇÃO

A atual ecologia midiática provoca uma reconfiguração na sociedade a partir das plataformas, dados e algoritmos, sendo inviável separar o real do virtual. Afinal, ambos os polos se hiperemiam gerando um só hemisfério, no qual acontece uma transformação no espaço público em paralelo à produção cultural, que se tornam híbridos entre o território físico e o digital, o local e o global, a comunidade e a sociedade. Diante disso, a literatura, considerada um campo de conhecimento específico, galga potencialidade se pensada pelo prisma da Comunicação, pois, além dos estudos literários sobre questões de narrativas, há uma urgência por pesquisas científicas que se voltem para a complexidade que as novas mídias geram, por exemplo, no processo de mediação daquilo que está sendo lido, discutido, circulado, apropriado e ressignificado em termos de literatura.

¹ Trabalho apresentado no GT19NO - Plataformas digitais, narrativas e resistências, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM - UFJF), membro do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA) e bolsista Fapemig, email: bhering.gabriel@estudante.ufjf.br

³ Professora titular da Faculdade de Comunicação (FACOM - UFJF) e coordenadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA): iluska.coutinho@ufjf.br

Neste estudo, o objetivo é investigar como a Literatura entra em um processo de plataformização por meio das mediações realizadas via especialistas, leitores e outros usuários das plataformas. Em outrora, os livros eram comentados nas reuniões que a aristocracia oferecia, depois, com a ascensão da imprensa, surgiram os romances de folhetins e as colunas críticas, que culminaram nos blogs literários, canais no YouTube e, mais recentemente, nos vídeos das plataformas que provocam visivelmente duas transformações: a) no veículo livro e b) no conteúdo. Em outras palavras, com os e-books a forma de produção e consumo do livro vem sendo cada vez mais modificada, gerando um novo fenômeno comunicacional de procedimento de leitura e circulação que se faz dela por leitores, muitas vezes sem qualquer especialidade no assunto, mas que mesmo assim produzem conteúdos audiovisuais. É importante destacar que este trabalho pretende se debruçar na temática a partir de um direcionamento à América Latina, em especial ao Brasil.

Logo, a fim de viabilizar a discussão proposta, o presente estudo adota como objeto empírico vídeos publicados no TikTok discutindo a censura mais recente que o livro “O avesso da pele”, de Jeferson Tenório, enfrentou em março de 2024. Embora as plataformas sejam controladas por algoritmos repletos de intencionalidade que visam o lucro, existem possibilidades de resistências que precisam ser consideradas nesse processo de mediação da literatura que é apropriada, resgatada e ressignificada em momentos como o comentado, no qual a criação estético-verbal deixa de emergir pelo conservadorismo.

Antes de adentrar no estudo de caso que será realizado a partir da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016) em combinação ao Mapa das Mediações Algorítmicas (Winques, 2024), é importante se voltar para alguns estudos críticos sobre plataformas, que fornecem lentes de observação para pensar o fenômeno estudado por aqui: a plataformização da literatura e as mediações culturais, a partir de uma lógica barberiana de arquitetura epistemológica.

A PLATAFORMIZAÇÃO DA LITERATURA: POTENCIALIDADES E LIMITES

No início, a internet era vista como um espaço propício para o desenvolvimento de uma “inteligência coletiva” (Pierre-Lévy, 1997) por meio da liberdade que

supostamente haveria. No entanto, hoje, cada vez mais, fica claro a existência de limites para efetivação desse ideal. Afinal, quem controla a internet são as Big Techs, que não se consideram empresas de mídia, mas, sim, de tecnologia. Essa negação ocorre porque as plataformas não querem se responsabilizar pelo conteúdo que elas permitem circular livremente (Napoli; Caplan; 2018), muitas vezes contribuintes para Desordem Informacional (Derakhshan; Wardle, 2017).

Embora, atualmente, as redes sociais sejam chamadas de plataformas (D’Andrea, 2020), é preciso reconhecer que elas são também mídias (Napoli; Caplan; 2018), logo podem ser chamadas de “plataformas de mídias sociais”, permeadas por algoritmos que são, segundo Gillespie (2014), dados processados em resultados. A manutenção e expansão das BigTechs acontece a partir desses algoritmos vistos por essas organizações “de um modo completamente neutro e objetivo, livre de inclinações que caracterizam as decisões editoriais humanas diretas” (Napoli; Caplan; 2018, p. 150). Essa perspectiva de neutralidade é tencionada pela comunidade científica que pensa com o mínimo de criticidade esses processos digitais de comunicação.

A atual ecologia midiática reconfigurou diferentes processos sociais, como a crítica literária, a produção e o consumo de livros, levando ao que pode ser chamado de uma “plataformização da literatura”, pois ultrapassa o veículo livro e atinge outras camadas. Afinal, com as plataformas, as críticas deixaram de ser em resenhas escritas e ganharam forma em vídeos de 30s no TikTok; a produção dos livros também sofreu alterações com a Amazon, que transformou a forma de produção e consumo de livros.

Ambos os casos podem ter potencialidades, mas também precisam ser pensados a luz de criticidade. Haja vista que a mudança nos modos de realização da crítica leva a uma plataformização do trabalho (Grohmann, 2019) dos críticos literários contemporâneos (Booktubers, intabookers, booktokers), que estão emaranhados em uma falsa ideia de autonomia empreendedora geradora de uma insuficiência e esgotamento profissional conforme a pesquisa de Karhawi e Prazeres (2022) aponta.

Já em relação a BigTech Amazon, uma agente de transformação da literatura e defensora da democratização ao acesso de livros, observa-se com o trabalho de Moura e Oliveira (2023), que essa propaganda precisa ser avaliada com criticidade, pois não dialoga com o imaginário dos leitores do X, antigo Twitter, conforme os 1065 tweets

analisados pelos pesquisadores que revelam uma percepção de desigualdade no processo de digitalização tratado como democrático pela Amazon.

Diante da complexidade desse fenômeno, neste estudo o foco será investigar, a partir do estudo de caso de censura sofrido por Jeferson Tenório, a mudança no processo da crítica especializada, assim como da não especializada, que acontece desde sempre na recepção dos leitores. Agora, com mais possibilidades de emissão de suas opiniões. Embora, seja necessário reconhecer que os vídeos publicados no TikTok, por exemplo, plataforma no qual este estudo se debruça, são afetadas pelos algoritmos e as lógicas virais que favorecem certos conteúdos em detrimento de outros. Ainda com as affordances existentes, o objetivo é investigar como os leitores resistem nas plataformas e lidam com a plataformização da leitura em um período cuja censura permanece sendo desempenhada no Brasil.

ANÁLISE DA MATERIALIDADE AUDIOVISUAL A PARTIR DE EIXOS DAS MEDIAÇÕES ALGORÍTMICAS

A Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016) é um método que busca viabilizar a investigação de produtos audiovisuais sem realizar decomposições no processo de leitura, ou seja, considera “como objeto de avaliação a unidade texto+som+imagem+tempo+edição” (Coutinho, 2016, p. 10). Além desse propósito, é um método que permite ao pesquisador o estabelecimento de eixos de investigação conforme o interesses particulares do estudo. Neste caso, o estabelecimento será estruturado a partir da discussão anterior apresentada e do “Mapa das Mediações Algorítmicas” (Winques, 2024).

Para entendê-lo, antes é necessário resgatar o Mapa das Mediações de Martin-Barbero, que estuda o fenômeno comunicacional dos meios às mediações a partir de sua perspectiva epistemológica filiada aos Estudos Culturais. No último modelo apresentado por Barbero em 2017, há do lado direito “narrativas”, “tecnicidades” e “redes”. Já na proposta de Winques (2024), as redes são pensadas a partir dos “imaginários”, ficando da seguinte forma: “narrativas”, “tecnicidades” e “imaginários”. Essas lentes são potentes no processo de “criar espaços para formas distintas de ver, ouvir, ler, escrever e interpretar o mundo, interrogando as epistemologias emergentes, sobretudo advindas do Sul Global” (Winques, 2024, p. 210)

Em diálogo com Barbero, a proposta da pesquisadora é pensar as mediações no contexto digital ao invés de considerar apenas as lógicas de produção e recepção, pois essas podem trazer grandes respostas para os estudos de processos comunicacionais presentes na nova ecologia midiática, conforme o estudado: a plataformação da literatura. Neste trabalho, dois eixos de análise da AMA foram estabelecidos com base no modelo de Winkes (2024). No caso, 1) Narrativas decoloniais e 2) Imaginários acerca da censura.

Após mapear o caso estudado no Tiktok, o vídeo do Wellê (@welle.of) foi selecionado para a análise por se encontrar em destaque na busca avançada: “o avesso da pele censura”. No conteúdo audiovisual, o criador que é um homem negro apresenta o caso de banimento que a obra enfrentou a partir de uma narrativa que ele estrutura de modo decolonial ao avaliar a decisão da diretora como incoerente e racista. No decorrer do vídeo, ele faz um exercício de imaginar o que se passa na cabeça dos censuradores e diz: “Por trás dessa desculpa de palavras de baixo calão está escondido o desejo de privar que esses alunos reflitam sobre o racismo e sobre o mundo” (Wellê, 2024, 53s). Ou seja, além de uma narrativa decolonial, é possível identificar no vídeo a produção de um imaginário do que se passa na mente dos censuradores de modo a desvendar o motivo pelo qual a decisão foi tomada. Esse imaginário ao viralizar pelo TikTok fornece um enfrentamento à censura assim como um esclarecimento do que está por trás dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2016) estruturada com o apoio do Mapa das Mediações (Winkes, 2024) foi possível observar uma das vertentes da plataformação da literatura: a transformação da crítica na recepção digital. Na América Latina, os estudos de recepção são vistos com grande notoriedade pelas lentes que eles podem lançar na compreensão dos meios e da comunicação. Se tratando da literatura entrando em uma lógica plataformação é interessante também recorrer a uma perspectiva barberiana, que colabora a compreender como os leitores e críticos literários se tornam agentes ativos no processo de circulação e reconfiguração da literatura. Ou seja, além das notícias produzidas em jornais sobre a censura que ocorreu na escola do Rio Grande do Sul, o assunto ganha fôlego com os booktokers,

como aconteceu com o Wellê, que construiu uma narrativa decolonial e ainda produziu um imaginário acerca dos censuradores a fim de desvendar o que está por trás da proibição, colaborando para o seu enfrentamento.

Em outras palavras, as novas mediações fazem com que o veículo livro esteja digitalizado para além do e-book, pois toda a sua narrativa está deslizando (Figueiredo, 2010) pelas plataformas a todo instante. Esse processo evidencia que não é só uma digitalização do livro, mas uma mudança em toda área que se chama literatura, construída à luz dessa nova ecologia midiática, configurada e reconfigurada por leitores que se apropriam das narrativas presentes nas obras produzindo memes, críticas e, conforme visto, resistência, mostrando que a relação da literatura com a sociedade se revela mais estreita em relação a outros tempos. Isto é, por mais que haja queda na quantidade de livros lidos por brasileiros, o modo como se mantém contato com esse campo pode ser visto com potencialidades pelas plataformas, que podem agir como perigosas para essa área do conhecimento, mas também com alguns vislumbres de ressignificações e resistências.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. Anais eletrônicos... São Paulo, USP, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DERAKHSHAN, H.; WARDLE, C. Information disorder: definitions. In: **Understanding and addressing the desinformation system**, 1., 2017, Filadélfia. Annals... Filadélfia: University of Pennsylvania, 2017. p. 5-12. Disponível em: <https://bit.ly/2GbeyJ2>. Acesso em: 24 set. 2019.

FIGUEIREDO, Vera. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio: 7Letras, 2010.

GROHMANN, Rafael. **Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal**. Eptic, vol. 22, n. 1, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3w22mnu>.

KARHAWI, Issaaf; PRAZERES, Michelle. **Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental**. Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 800-819, out.-dez. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio de Néstor García Canelini. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MOURA, Maria; OLIVEIRA, Débora. **Imaginários algorítmicos e a mediação da Amazon na venda de livros**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, e6317, maio 2023.

NAPOLI, Philip; CAPLAN, Robyn. **Por que empresas de mídia insistem que não são empresas de mídia, por que estão erradas e por que isso importa**. *Parágrafo*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 143-163, jan./abr. 2018.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais**. Florianópolis, SC: Insular, 2024.